



UFRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**O PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OLHARES DE
PROFESSORAS MULHERES**

DANIELY FERREIRA PAGGY

ORIENTADOR: THIAGO RANNIERY

**ABRIL, 2022
RIO DE JANEIRO – RJ – BRASIL**

O PROFESSOR HOMEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OLHARES DE PROFESSORAS MULHERES

DANIELY FERREIRA PAGGY

Projeto de Final de Curso submetido ao Corpo Docente da Faculdade de Educação, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Pedagoga.

APROVADA POR:

Dr.

Dr.

Dr.

**ABRIL, 2022
RIO DE JANEIRO – RJ – BRASIL**

FICHA CATALOGRÁFICA

PAGGY, Daniely Ferreira

O professor homem na Educação Infantil: olhares de professoras mulheres, Rio de Janeiro: UFRJ/FE, 2021.

XIV, 32p., 29,7 cm (Universidade Federal do Rio de Janeiro – Faculdade de Educação – Monografia de Graduação, 2021).

1. Gênero. 2. Professor homem. 3. Educação Infantil. 4. Monografia. (Graduação – UFRJ/FE) 5. Thiago Ranniery. I Título.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente, a minha mãe Lucia, minha avó Lurdes e minha irmã Aline que confiaram em mim e me deram apoio para concretizar e encerrar mais um ciclo da minha vida.

Ao meu pai Luiz (in memoriam), que não pode estar presente neste momento tão importante da minha vida.

Ao meu marido Viktor, por toda paciência, compreensão e amor, e por me ajudar muitas vezes a achar soluções quando elas pareciam não aparecer.

A estes dedico meu trabalho, sem o apoio, compreensão e confiança de todos, este sonho não teria se realizado.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Thiago Ranniery pelo empenho dedicado e conhecimento transmitido.

Aos professores e funcionários da Faculdade de Educação, pelos ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

Às três profissionais da Educação Infantil que aceitaram ser entrevistadas de forma anônima, e contribuíram imensamente para a pesquisa desta monografia.

RESUMO

Paggy, D. F. **O professor homem na Educação Infantil: olhares de professoras mulheres.** Ano 2022, XIV, 32p. Trabalho de Conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

A presença de um professor homem é vista como um “tabu” pela escola e é de certa forma rejeitada pelos pais e pela comunidade escolar. As relações entre o masculino e a Educação Infantil historicamente se apresentam em campos distintos e mostram a dificuldade da sociedade lidar com as diferenças e preconceitos de gênero sobre a ocupação do professor homem na Educação Infantil. Neste trabalho, procuro trazer à tona questões que podem vir a contribuir com uma reflexão sobre as relações de gênero e cuidado, além de discutir sobre a presença do professor homem na Educação Infantil a partir dos olhares de três professoras. A escolha por entrevistar professoras mulheres se deu pela busca de saber mais sobre como os homens são vistos pelas educadoras e como foi a inserção deles na instituição em que elas atuam. Ao analisar as entrevistas observa-se, diferentes pontos de vista entre as três educadoras, no entanto há muitos temas em comum, principalmente sobre o preconceito por parte dos pais e coordenadores com o professor homem, a alegação de falta de habilidade dele nos cuidados com a criança pequena, e o medo da pedofilia. Por outro lado, as entrevistadas afirmam que tanto os pais quanto os profissionais da educação, acreditam que a atuação do professor homem na Educação Infantil pode contribuir muito para o desenvolvimento dos alunos e para equidade de gênero na escola, sendo a presença masculina muito importante para as crianças, principalmente para meninos, que veem um educador para se espelhar. As instituições de ensino aceitariam mais professores homens, contudo haveria algumas restrições, principalmente ao toque físico.

PALAVRAS-CHAVE: Professor homem; Educação Infantil; Gênero.

SUMÁRIO

	Pág.
1 – INTRODUÇÃO	1
2 – REFERENCIAL TEÓRICO	11
3 - METODOLOGIA DA PESQUISA	18
4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO.	22
4.1 - O preconceito com o professor homem.....	22
4.2 - Medo da pedofilia.....	23
4.3 - Preconceito contra a orientação sexual do professor homem.....	24
4.4 - Alegação de falta de habilidade do professor homem.....	25
4.5 – A aprovação do trabalho do professor homem e sua importância para a escola	26
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	26
APÊNDICES	
A – Entrevista 1	
B – Entrevista 2	
C – Entrevista 3	

1 - Introdução

Ao pensar na Educação Infantil no Brasil é possível perceber que a mesma se configura como um espaço feminino, onde 8 em cada 10 professores da educação básica são mulheres (Harnik, 2011). Logo a escola é formada em sua maioria por professoras mulheres, e a presença da figura masculina é mais rara, podendo ser observada em cargos fora da sala de aula (Sayão, 2005). Deste modo, a presença de um professor do homem, é vista como um “tabu” pela escola e é de certa forma rejeitada pela comunidade escolar.

Neste trabalho de conclusão de curso, procuro trazer à tona questões que podem vir a contribuir com uma reflexão sobre as relações de gênero e cuidado, além de discutir sobre a presença do professor homem na Educação Infantil a partir dos olhares de três professoras. As relações entre o gênero masculino e a Educação Infantil se apresentam em campos distintos, e mostram a dificuldade da sociedade de se lidar com as diferenças e preconceitos sobre a ocupação do professor homem em uma escola de Educação Infantil.

Diante do tema que abrange o “professor homem” na Educação Infantil, percebi a necessidade de incorporar o conceito de gênero e assim perceber o porquê de haver tantas restrições. Para que possamos entender sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, é necessário analisar o que foi socialmente construído sobre essa relação. As buscas para as desigualdades decorrentes não estão na diferenciação biológica, mas sim na construção desses sujeitos e suas representações sociais quando pensamos no “lugar deste profissional” no início da escolarização.

Deste modo, o conceito de gênero tem como referência o trabalho de Louro (2003), que afirma que as práticas de gênero são adquiridas pelas crianças e educadoras e naturalizadas por meio de ações e do comportamento do que é ser feminino ou masculino. Deste modo, os padrões e costumes estabelecidos pela sociedade definem o que é designado para homens e mulheres. Ser feminino e masculino são atributos construídos socialmente, onde diversas esferas e relacionamentos sociais influenciam neste processo.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (LOURO,2003, p.21)

A partir das construções de gênero, é de notável percepção que a produção do lugar do professor homem e esta separação, não se deu por algo estável, e sim por questões mais dinâmicas e abrangentes, tendo sido produzido por tensões históricas, lutas de classes e tensões econômicas (Oriani, 2019). Diante disso, a profissão docente voltada a Educação Infantil precisa ser estudada com base nas construções de gênero e pensar em todo seu percurso.

O interesse por este tema desencadeou-se quando eu fiz estágio em uma instituição privada de Educação Infantil. Pude observar que haviam muitas mulheres no ambiente escolar e considerei como seria aquele ambiente com figuras masculinas presentes na sala de aula, uma vez que só se via essas figuras como professores de aulas extras (esportes e recreação), porteiros e inspetores. Constatei que, em sala de aula, mais precisamente nas turmas de crianças de 1 a 3 anos, a presença de mulheres era dominante. Como dito anteriormente, a presença de professores homens se representava em cargos que não se relacionam diretamente e integralmente com a criança, como porteiros, inspetores, cargos administrativos e professores de Educação Física.

Tal evidência atrelava-se ao fato de que, não somente no Brasil, assim como em vários países, a maioria dos profissionais que atuam nessa área são mulheres (Harnik, 2011). É comum levantar a hipótese de que isso ocorre, geralmente porque a profissão parece ter nascido associada ao gênero feminino, como a professora tendo o peso da figura materna. Essa pesquisa tem como objetivo trazer estudos de gênero que tem como finalidade indicar e levantar novas questões e outros elementos de análise no que concerne ao trabalho do docente homem na Educação Infantil, em contrapartida também cita questões relativas às masculinidades e feminilidades presentes na instituição.

Esta linha de pesquisa se torna relevante por levantar as questões sociais sobre o motivo de ter poucos homens atuando como professores na Educação Infantil. Gonçalves et al., (2015) pesquisou como seria a aceitação da comunidade escolar a presença do professor homem, a aceitação das crianças, se haveria necessidade de adequação das atividades rotineiras da instituição, e quais as contribuições acreditam que um homem como professor pode oferecer nesta etapa da educação. A principal conclusão deste estudo foi que as gestoras compreendem que homens na Educação Infantil podem contribuir para o desenvolvimento das crianças e para equidade de gênero na educação; elas os receberiam em suas instituições, contudo haveria algumas restrições principalmente ao toque físico.

À frente de pré-julgamentos e rótulos tipicamente associados ao gênero, sou instigada a pensar, como o professor homem é recebido dentro da comunidade escolar por professoras

mulheres? Esta pergunta me trouxe muita inquietação, e por conseguinte procurei investigar o tema pois julgo necessário problematizar a ideia de que homens não são apropriados a cuidar de crianças pequenas. Acredito que o papel do educador infantil deve ser realizado por pessoas capacitadas, independente do sexo que tenha, normalizando a presença de professores homens nas escolas, e desestruturando esse paradigma que se apresenta há muito tempo em nossa sociedade.

Portanto, nesse trabalho procuro compreender e explicitar o movimento de inserção dos professores homens em uma instituição de Educação Infantil da Rede Privada do Rio de Janeiro do ponto de vista de suas colegas mulheres, buscando analisar sob a perspectiva das relações de gênero, o processo de interação estabelecido entre os docentes homens e a comunidade escolar. A partir de entrevistas com três professoras mulheres, eu desejo explicitar as percepções dos diversos segmentos da comunidade escolar sobre a legitimidade da presença desses professores na Educação Infantil, de forma a identificar e elencar os limites enfrentados por esses sujeitos no cotidiano de suas atividades docentes.

Este trabalho de conclusão de curso, foi organizado em quatro partes: dando seguimento ao “Referencial Teórico”, trazendo a origem desse tema e discutindo a construção histórica da Educação Infantil, com contribuição dos estudos de gênero e textos dos autores que discutem a temática de gênero e do professor homem nos anos iniciais.

O terceiro capítulo como: “Metodologia da pesquisa”: qual abordagem dessa pesquisa? Quais técnicas utilizadas? Trazendo também a questão norteadora deste trabalho e a estruturação dele, como uma entrevista semi-estruturada com funcionárias da instituição privada escolhida como campo do estudo. No quarto capítulo, serão apresentadas as entrevistas, evidências e olhares dos professores não selecionados para serem os protagonistas deste estudo e os olhares da instituição. Apresentando os resultados obtidos a partir da pesquisa de campo. No quinto e último capítulo serão discutidos os principais temas abordados nas entrevistas, juntamente com as informações disponíveis na literatura.

2 - Referencial Teórico

No final do ano de 2015, no meio de dezembro, estava no estágio em Educação Infantil atuando em uma turma de Berçário II, quando a coordenadora me comunicou que eu ficaria no ano de 2016, na turma do Maternal II e Pré Escola I. Obviamente fiquei feliz com a notícia, pois a minha maior vontade era voltar a atuar com crianças maiores e sair do berçário. Houve férias escolares e então a escola voltou a funcionar no dia 18 de janeiro de 2016. Antes da entrada das crianças, tivemos trabalho interno, em que tivemos reuniões, palestras e apresentação das equipes, fazendo planejamento e pensando nos projetos para as turmas no ano que estava começando. Logo no início apresentaram dois homens como estagiários, todas as professoras ficaram receosas, pois desde a criação da escola, só haviam homens como porteiro, RH (financeiro) e os professores de aula extra (Judô e Educação Física). Após a apresentação dos dois novos estagiários, a coordenadora da escola determinou as equipes e me deparei com o susto e estranhamento. De Maternal II Pré I, voltei para o Berçário II. Esses dois estagiários estavam alocados nas turmas de Maternal II Pré I e Pré II.

Pensando no campo de observação e na Educação Infantil envolvendo todos seus cuidados, me deparei com diversas situações em que a presença do professor homem é um incômodo para alguns pais e profissionais da Educação. Através de um relato do início do ano de 2016, consigo refletir sobre alguns pontos que despertam um certo incômodo no meu saber pedagógico, com a seguinte descrição:

Ao retomar esse relato pude pensar em toda a infância tratada a partir da lógica do ensino e cuidado com crianças pequenas (Gibim e Lessa, 2011). Em como, por mais que a escola preze e fale que “é importante ter mais homens aqui, vamos inseri-los na Educação Infantil”, a realidade prática não ocorre desta maneira, onde existe preconceito até mesmo entre as próprias profissionais femininas da Educação Infantil (Gibim e Lessa, 2011). Esses novos educadores poderiam atuar nas turmas menores como berçário, porém por que a escola resolveu realocar algumas pessoas para que eles ficassem atuando na turma das crianças que são maiores? Ao refletir sobre essas crianças maiores, pude pensar em crianças que já sabem ir ao banheiro sem a ajuda do educador, não usar fralda ou não necessitar de ajuda para o banho. Será então que os homens são um perigo para bebês? Será que o trabalho deles não é possível na creche?

Ao questionar a escola e algumas professoras sobre o porquê desses estagiários não estarem nas turmas mais novas, escutei respostas como “Ah, é complicado né... Um homem trocando fralda, não ia dar certo. ” “Que isso, Dany? Imagina se é sua filha sendo tocada por

um homem?” Entre outras respostas baseadas nessa linha de raciocínio. A partir daí todas essas questões começaram a me instigar e fazer com que eu pense mais na infância e o lugar do professor homem nela.

Autores como Joaquim Ramos (2011) têm mostrado a trajetória da Educação Infantil, que historicamente no Brasil, tem sido um campo de atuação predominantemente feminino e esse papel feminino estava, e até pode-se dizer que continuar estar, vinculado à figura materna e à família. Isto diz muito sobre como a figura da professora, em sua atuação no início da escolarização, é importante nesse processo por ter um instinto materno e assim poder atuar com crianças tão pequenas. Nessa discussão, emergem questões que abrangem inquietações sobre as construções das masculinidades e das feminilidades e as mudanças nas relações de gênero que ocorrem nesse campo. Percebi, então, que era preciso sair da zona de conforto e ir para o campo questionar o porquê de tantas restrições em torno do lugar do “professor homem” na Educação Infantil.

Segundo Joaquim Ramos (2011), atualmente há um desenvolvimento e progresso para a inserção de docentes homens na Educação Infantil. Em seu texto, *O ingresso e a permanência de professores homens na Educação Infantil: a desconstrução de lugares fixos*, ele reflete sobre essa inserção da figura masculina na Educação Infantil e traz questões que ajudam a aprimorar essa pesquisa (e.g. Como se dá a inserção do homem, e como é a sua presença na Educação Infantil?). A questão central do texto é buscar entender as relações de gênero e investigar essas tensões nos diferentes espaços de Educação.

Ramos (2014) comenta ainda que, para a inserção do professor homem na escola, é necessário ter um período probatório, onde os professores homens tiveram que passar por avaliações e por responsáveis das crianças a fim de demonstrarem as competências e as habilidades com a educação e se realmente estão aptos para os cuidados das crianças. Algo assim não é exigido para professoras, pois a feminilização do magistério e a suposta aptidão feminina para lidar com as crianças pequenas são tomadas como naturais, como se fosse um dom. Essas relações de gênero trazem reflexos na vida escolar e na constituição da identidade profissional docente, trazendo as dificuldades para a atuação dos professores homens na Educação Infantil.

Diante de tantas questões que envolvem esta pesquisa, deve-se levar em consideração os princípios estabelecidos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (9394/96) e as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Licenciatura em Pedagogia (2006).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96) é a legislação que regulamenta o sistema de educação brasileiro. Esta afirma que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na Educação Infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (BRASIL, art. 62, 1996).

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura, há a seguinte descrição:

O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade 28 Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógico”. (BRASIL, art. 4º, 2006).

Como visto nas legislações em vigor, a formação do profissional da educação será oferecida em nível superior e ensino médio na modalidade normal. Se observarmos as legislações, estas não fazem distinções de gênero. Ou seja, essas distinções não surgem de leis ou algo comprobatório, o direito de ser docente na Educação Infantil se dá com toda a sua formação e conhecimentos pedagógicos, e é imprescindível insistir no fato de quando existe a separação entre o gênero, comprova a não aceitação do outro.

Assim, o objetivo da presente monografia é investigar a atuação do docente homem na Educação Infantil da perspectiva de professoras mulheres e, além disso, perceber como a questão do preconceito ocorre com base nos autores Joaquim Ramos, Frederico Assis e Guacira Louro.

Para Louro (2003), o conceito de gênero está associado à relação social, à maneira como definem os seus comportamentos, o modo de se vestir, as relações que são estabelecidas, rompendo o conceito de sexo determinado pelos aspectos biológicos, destacando que “O conceito passa a ser usado com um forte apelo relacional – já que é no âmbito das relações

sociais que se constroem os gêneros” (LOURO, 2003, p. p.22). Estas relações de gênero se constituem de formas diferenciadas conforme a sociedade e o contexto histórico em que os indivíduos estão inseridos, destacando que a construção do masculino e feminino podem assumir múltiplas formas, por permanecerem associadas às complexas redes de poder por meio das instituições, das práticas, dos discursos que estabelecem o que esta autora chama de hierarquias entre os gêneros. Estas hierarquias podem ser observadas nas instituições escolares quando percebemos a feminização do magistério e atribuímos à mulher a docência no decorrer de um processo histórico. No entanto, Louro (2003) continua a destacar que são nas relações entre os gêneros que são atribuídos os sentidos de feminino ou masculino. Ser feminino e masculino são pertenças construídas socialmente, onde estão envolvidos nesse processo a escola, a família, a igreja e todas as instâncias onde podemos vivenciar relacionamentos sociais. As representações do ser masculino e do ser feminino são mais do que uma identidade aprendida, elas se constroem e se transformam conforme o tempo, a história, os lugares sociais, as identidades sexuais, étnicas, de raça ou classe. (LOURO, 2014).

Frederico Cardoso (2004) traz relatos de professores, falando que as mulheres são mais sentimentais, dóceis, delicadas. Ao pensar nesses adjetivos, é nítido ligá-los ao cuidado, pois uma pessoa detalhista, delicada e sutil, conseguiria supostamente lidar com crianças menores com mais facilidade do que os homens, que seriam menos sentimentais. Por sua vez, a mulher tem uma representação na sociedade como figura materna e o homem como um ser mais reservado e prático. Nessa perspectiva, é possível ver as dificuldades que os professores homens têm de trabalhar com as professoras. No entanto, é estranho pensar que ao imaginar a figura da professora de Educação Infantil, se pensa na maternidade e quando se imagina a figura do professor, muito dificilmente se pensa na paternidade. Assim,

O tratamento diferenciado em relação a esses professores não se restringe às dúvidas em relação à sexualidade. Foi possível perceber que as diferenças de gênero constituíam para alguns grupos de professoras a possibilidade de terem esses sujeitos nos cargos de direção e coordenação (RAMOS, 2011, p.17).

Ao pensar na trajetória da Educação Infantil, percebe-se que a infância é marcada pela maior influência da figura materna, e na maioria das vezes pela maior participação da mãe do que do pai quando a criança ingressa na escola/creche (Benczik, 2011). É reconhecido que a figura paterna é importante no desempenho escolar da criança, e a interação entre pai e filho é

um dos fatores decisivos para o desenvolvimento cognitivo e social, facilitando a capacidade de aprendizagem e a integração da criança na comunidade (Benczik, 2011).

Essas marcas de gênero atualmente trazem reflexos para docentes homens que querem atuar na Educação Infantil. A infância é um sentimento de algo que caracteriza a criança e a sua essência e pureza, inerentes a um ser humano de pouca idade. O seu modo de agir e pensar a diferencia de adulto, e portanto merece um olhar mais específico. Nessa perspectiva, a criança é pensada como um ser frágil, ingênuo e que precisa ser cuidada (Tosatto & Portilho, 2014).

Ser criança é ser pura. A criança é muito pura. Ela não consegue ver o mundo como nós adultos. Eles fantasiam, conseguem fantasiar [...]. A criança é muito pura. Eu ainda acredito nessa criança que é criança, que não tem malícia. (Tosatto & Portilho, 2014).

Alguns professores que atuam na Educação Infantil reforçam a importância da iniciação da criança ao mundo adulto; outros defendem a necessidade da proteção em relação a esse mundo. Uns consideram a criança como um ser hábil e competente; outros realçam aquilo de que ela ainda carece e precisa ser desenvolvido (Tosatto & Portilho, 2014).

A infância é considerada como o tempo da inocência, da pureza e da bondade. A criança é um ser que vive uma fantasia, e esta fantasia é uma espécie de redoma que a protege e afasta do real, sendo essa a condição que lhe permite permanecer nessa fase mágica da vida. Deste modo, o ato de fantasiar e imaginar é visto como desvinculado do contexto social. Ao brincar, as crianças ficam isoladas das influências do mundo, suspensas e protegidas da realidade (Tosatto & Portilho, 2014).

Ser criança é viver na fantasia, e as crianças estão deixando de ser crianças por não estarem vivenciando esse "mundo mágico da fantasia". Algumas professoras destacaram que as crianças estão sendo muito cobradas e "deixando de ser crianças" muito cedo. (Tosatto & Portilho, 2014).

Deste modo percebemos que as crianças são portadoras de uma pureza única, e que essa característica é própria desta fase da vida, e que irá se perder com o tempo. Sendo assim, conforme a criança vai crescendo, ela vai perdendo esta inocência, essa capacidade de ser verdadeira (Tosatto & Portilho, 2014).

Devido a esta pureza infantil, Louro (2007, p.26) afirma que “a sexualidade deverá ser adiada para mais tarde, para depois da escola, para a vida adulta. É preciso manter a ‘inocência’ e a ‘pureza’ das crianças”. Por este motivo os cuidados com a higiene das crianças geram diferenças de gênero, sendo preferida a professora mulher para esta atividade, visto que o gênero feminino cumpre uma parcela desproporcional em atividades relacionadas ao cuidado infantil (Barker, 2010).

As escolas, de uma maneira geral, ainda desenvolvem práticas que reforçam a cultura da desigualdade, baseada numa visão androcêntrica de mundo, enfatizando o papel tradicional da mulher na família e na sociedade, como mães, esposas e professoras, comprometidas apenas com a instrução elementar e não com a formação integral da criança (Brabo & Oriani, 2013). Como na Educação Infantil, existem cuidados necessários que vão além do educar, as mulheres são as profissionais predominantes pois são atribuídas elas o dom natural da maternidade, como bem relatado neste trecho:

A menina constata que o cuidado das crianças cabe à mãe, é o que lhe ensinam; relatos ouvidos, livros lidos, toda a sua pequena experiência a conforma; encorajam-na a encantar-se com essas riquezas futuras, dão-lhe bonecas para que tais riquezas assumam desde logo um aspecto tangível. Sua ‘vocação’ é-lhe imperiosamente ditada (Beauvoir, 1975, p. 24).

Louro (1997, p. 450) enfatiza que, se a maternidade era a função primordial da mulher, bastaria pensar que o magistério representava “[...] a extensão da maternidade, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha.

Na Educação Infantil a predominância de mulheres na docência é histórica, e vista como uma área de atuação apropriada para as mulheres, devido as suas características maternas, dentre elas o cuidar, principalmente por trabalhar com crianças pequenas. Outra característica da feminização do magistério no Brasil, é que esta profissão foi importante para a introdução das mulheres no mercado de trabalho, pois ela era vista como um prolongamento das funções maternas, e não era considerada um trabalho formal (Brabo & Oriani, 2013).

Quanto mais o trabalho na Educação Infantil é idealizado como não-intelectual, enfatizando suas relações parentais e afetivas, mais se aproximam as imagens da escola primária e seu trabalho docente das características tidas como femininas. A ampla feminização do

magistério, e a visão de cuidado que o profissional da Educação Infantil precisa ter, justifica a ausência e a dificuldade de inserção do professor homem na Educação Infantil.

Devido a infância ser uma fase importante para o desenvolvimento de um ser humano, muitas escolas e profissionais acreditam que as mulheres são mais capacitadas para atuar com crianças pequenas do que os homens, por existir um tabu na inserção do homem na Educação Infantil (Sayão, 2005). Desde modo, é dada uma abertura bastante instigante para o campo da pesquisa que abrange sobre como as concepções de infância e as relações de gênero influenciam a Educação Infantil. Questões que envolvem os cuidados com as crianças pequenas, e como se estrutura o lugar do professor homem na Educação Infantil, também devem ser levadas em consideração, afinal é notória a maciça presença de profissionais mulheres em escolas e a ausência de profissionais homens. Nesta pesquisa, consideramos instigante refletir sobre o professor homem na Educação Infantil, num ambiente quase que essencialmente feminino, e como o gênero constrói a percepção de mulheres professoras da Educação Infantil sobre a presença de professores homens nesses espaços.

3 - Metodologia da pesquisa

“[...] toda pesquisa implica o levantamento de informações de variadas fontes: livros, revistas, publicações avulsas, mapas, técnicas empregados”. (Gressler 2007, p.73)

Início o seguinte capítulo com uma citação de Gressler (2007), a qual reflete sobre os métodos e técnicas que uma pesquisa contém. Pensando nisso, o presente capítulo traz a construção da metodologia utilizada para a realização do presente estudo, que se inscreve como uma pesquisa qualitativa, que aborda os valores e as relações humanas de determinado grupo social. Ivenicki 2016, afirma que a pesquisa qualitativa explora fatores mais amplos que não são matematicamente quantificados e merecem ser pesquisados, sob outros olhares e de formas diferentes.

Devido ao caráter subjetivo de uma pesquisa qualitativa, que não pode ser quantificada por meio de equações e estatísticas, é necessário que o pesquisador se insira no contexto onde ocorre o fenômeno social. É importante enfatizar que essa pesquisa nos permite entender as intenções, motivações, representações sociais e outros aspectos que não podem ser observados diretamente (Ivenicki, 2016). Desta forma, esse tipo de pesquisa possibilita olhar para o objeto de estudo com menos neutralidade e imparcialidade, de modo que essa perspectiva permite uma aproximação do objeto de estudo.

Foi utilizada a técnica da entrevista para a obtenção de dados para a pesquisa qualitativa. Segundo Godoy (1995, p. 27), “procura-se, em trabalhos de caráter qualitativo, realizar várias entrevistas, curtas e rápidas, conduzidas no ambiente natural e num tom informal. Existem, no entanto, situações onde o pesquisador tem que optar por uma entrevista mais formal”. Deste modo, foi realizada uma entrevista semiestruturada com educadoras mulheres, tendo como objeto da pesquisa o professor homem na Educação Infantil. A escolha por entrevistar professoras mulheres se deu pela curiosidade em querer saber o porquê de aparentemente haver restrições em algumas questões como os cuidados e brincadeiras”

A instituição observada consiste em uma escola privada que existe desde 2007. Funciona em três unidades, porém o campo de pesquisa escolhido está localizado no bairro da Gávea, Zona Sul do Rio de Janeiro, em uma área nobre onde atende pais e crianças que residem nos contornos da Gávea, como Ipanema, Leblon, São Conrado e Copacabana. A instituição

atende crianças a partir de 4 meses até 5 anos e 11 meses e tem como proposta pedagógica o brincar, sendo o brincar como liberdade da criança para imaginar e lidar com a realidade. Tem como corpo docente pedagogos, psicólogos e pessoas ainda cursando alguma formação.

A escolha por essa pesquisa e metodologia se deu pelo motivo de observar poucos professores homens atuando na Educação Infantil na instituição escolhida e por esses homens estarem sempre em turmas de crianças maiores (3, 4, 5 anos), por esta razão optei por saber o que pensavam as professoras e auxiliares que trabalham nessa instituição, e o que elas têm a dizer sobre a participação de homens nesta fase da educação e como foi a inserção deles. Para fazer a escolha das entrevistadas, foram utilizados dois critérios: estar há mais de um ano na instituição e ser professor mulher.

Foram entrevistadas três pessoas, sendo elas duas professoras e uma berçarista. Para melhor contemplar o perfil das três participantes da pesquisa, ao final será possível sistematizar todas as informações relevantes coletadas por meio de entrevista semiestruturada e enviada a elas. Para a realização do presente estudo e das análises, depois da busca de educadoras para a entrevista, procurei saber mais sobre o histórico da instituição, pois pouco se conhecia sobre estes profissionais e a presença do homem era vista mais forte em aulas extras. Como estas educadoras estavam há mais de um ano exercendo suas atividades na instituição, de certa forma elas se sentiam à vontade para conversar um pouco sobre essa questão da presença do homem na Educação Infantil, e também para falar um pouco sobre a instituição de ensino em que trabalham.

Após a seleção das entrevistadas, fui em busca de saber mais sobre como os homens são vistos pelas educadoras e qual foi a sensação da inserção deles na instituição. Com base em teóricos como Beauvoir (1975) e Louro (1995), conhecemos um pouco sobre o papel dos homens e a inserção deles na Educação Infantil, tendo em vista parâmetros de masculinidade e feminilidade. Outro ponto para a busca de conhecimento acerca do trabalho docente desses professores homens é sobre a questão de educar e cuidar, que tem sido vista como uma função materna, na qual a professora carrega essa obrigação, entretanto, pouco se tem discutido sobre esses cuidados e seus significados de gênero para a Educação Infantil. Deste modo, com a intenção de observar esses professores e suas experiências na instituição, assuntos como cuidar, educar e brincar geraram as seguintes questões de norteadoras para a concepção do roteiro da entrevista:

- 1) A relação das crianças com o professor homem. Seria essa relação importante para essa modalidade de ensino?
- 2) A rejeição em relação a figura masculina na escola por parte dos pais ou equipe. Será que tem alguma diferença em relação a figura feminina?
- 3) Será que existe algum tipo de distanciamento desses professores homens relacionados a divisão de turmas, grupos de idades?

Dando continuidade na exploração da metodologia, pude optar por realizar uma entrevista semiestruturada, que no caso é construída em torno de um corpo de questões na qual o entrevistador parte de uma exploração em profundidade (Tabela 1). Para a realização dessa entrevista, primeiramente foi feito contato, explicando os objetivos da pesquisa, como ela seria realizada, e em seguida procuramos por um dia, local e horário conforme a disponibilidade dos entrevistados. Após a confirmação, todas as entrevistas foram realizadas no bairro da instituição, em uma pequena praça.

Tabela 1 – Questionário comum utilizado como base para a entrevista semiestruturada.

Nome Fictício:
Formação:
Ano de formação:
Cargo:
Idade:
Tempo na escola:
1) Há quanto tempo trabalha na Educação Infantil? E como foi o seu ingresso na escola?
2) Nesse tempo apareceu algum professor homem? Como foi? (Caso não, conhece casos?)
3) O que você pensa sobre a presença de um professor homem na Educação Infantil?
4) A questão do gênero é importante para ser professora na E.I.?
5) Como você vê a relação das crianças com o professor homem? Você acha importante essa relação nessa modalidade de ensino?
6) Você já presenciou alguma rejeição em relação a figura masculina na escola por parte dos pais ou equipe? Como agiu/interferiu?
7) Você presencia o professor homem em quais turmas? Há algum tipo de distanciamento?
8) Há alguma orientação ou alguma estratégia onde a direção da escola tenha indicado em relação aos cuidados?
9) Como é a relação dos pais/equipe com a presença masculina na escola?

10) Há distinção de função nessa escola por gênero?

Com base nessas questões, fui em busca de mais perguntas e pude delinear os objetivos da pesquisa tendo como objetivo geral compreender e explicitar o movimento de inserção dos professores homens em uma instituição de Educação Infantil da Rede Privada de Educação do Rio de Janeiro. Os dados coletados por meio das entrevistas foram transcritos, sistematizados e analisados. As transcrições completas das entrevistas constituem o apêndice e estão apresentados ao final desta monografia. A partir de agora, as entrevistadas serão renomeadas, respectivamente, por Laura, Nina e Sofia, mantendo o anonimato das educadoras (Tabela 2).

Tabela 2 – Quadro das educadoras entrevistadas.

Nome	Idade	Cargo	Formação	Tempo na instituição
Nina	31 anos	Berçarista	Ensino Fundamental	Oito anos e meio
Laura	26 anos	Professora	Psicóloga	Seis anos
Sofia	33 anos	Professora	Pedagoga	Cinco anos

Para organização e discussão dos resultados, mantivemos a seguinte ordem: apresentamos os dados obtidos por meio de uma entrevista semiestruturada, sendo selecionadas as questões que continham informações relevantes, compatíveis com o objetivo deste estudo. A discussão dos resultados ocorre de forma intercalada com as respostas dos participantes, sendo relacionada com autores que estudam a temática. Nesse sentido, começo então a observar e saber mais da história de vida da instituição estudada a partir da contribuição das três educadoras para o aprofundamento dos objetivos desta monografia. Nesse momento também, começarei a articular as discussões obtidas com o campo teórico levando em consideração a minha observação sobre a presença do homem na Educação Infantil, já que foi este o mote para todo esse percurso da pesquisa e estudo monográfico.

4 - Resultados e Discussão

Neste capítulo, começarei a articular as discussões obtidas a partir do resultado das entrevistas com o campo teórico, levando em consideração a minha observação sobre a presença do professor homem na Educação Infantil.

Pela razão da Educação Infantil ser exercida em grande maioria por mulheres, criou-se um estereótipo social, deixando nas entrelinhas que só elas são habilitadas para esse trabalho. Conforme as etapas de ensino vão avançando, mais homens passam a lecionar. Isso acontece, porque, no decorrer do ensino formal, diminui a associação do magistério com uma função essencialmente feminina e os salários também se elevam (Harnik, 2011).

Os homens podem possuir as mesmas habilidades que as mulheres para cuidar das crianças, assim como dar aula na Educação Infantil, porém, há uma rejeição por parte das profissionais e dos professores quanto ao vocábulo “cuidar” quando o mesmo era verbalizado dissociado do educar. Todas essas questões apontadas justificam a ausência do homem atuando como professor na Educação Infantil.

Sayão (2005) afirma que o educador da primeira infância assume uma profissão em construção, e que o cabe então compreender o que significa cuidar/educar como princípio indissociável na Educação Infantil.

Ao analisar as entrevistas, observa-se diferentes pontos de vista entre as três educadoras, apesar de haver vários pontos em comum. Portanto iremos discutir com maior profundidade cinco temas que foram destaque nas entrevistas, sendo eles: o preconceito com o professor homem; medo da pedofilia; preconceito contra a orientação sexual do professor homem; alegação de falta de habilidade do professor homem; a aprovação do trabalho do professor homem e sua importância para a escola.

4.1 - O preconceito com o professor homem

Na Educação Infantil, há uma grande predominância de mulheres na docência, sendo vista, historicamente, como uma área de atuação destinada a elas, devido as características tidas como naturais às mulheres, dentre elas o cuidar, principalmente por trabalhar com crianças

pequenas. Por essas razões, consideramos instigante refletir sobre o que é ser um homem, professor na Educação Infantil, num ambiente quase que essencialmente feminino.

Confesso que no início que entraram os educadores homens eu fiquei meio assim, eu fiquei eu não sei. Eu fiquei meio assim achando que não, sei lá, não sei se é também, você acaba ficando engessada só numa coisa, sabe? (Nina, entrevista 1, item 3).

A presença masculina quebra o protocolo que a Educação Infantil seja uma área apenas feminina. Porém, nós sabemos que isso ainda é um grande tabu a ser superado. Tanto por parte dos responsáveis quanto nossa.... Como vimos no ano passado (Sofia, entrevista 2, item 3).

Como o preconceito ainda é bem grande, sim, a questão do gênero ainda influencia na contratação dos professores da Educação Infantil. Acho triste, pois é ótimo trabalhar com professores homens, porém vivemos nessa sociedade esquisita né? (Laura, entrevista 3, item 4).

O ingresso de um homem num espaço dominado por mulheres e supostamente feminino produz uma sensação de deslocamento, desconfiança e incômodo, pois estes homens são vistos como “anomalias”, percepção reforçada pela cultura popular. Além disso, geralmente eles são representados de maneira estereotipada, pois as pessoas se perguntam porque um homem trabalharia por vontade própria numa “ocupação feminina”? Deste modo, é comum a ocorrência de críticas e preconceitos pela maioria sociedade, que enxerga a Educação Infantil como uma profissão tipicamente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. Pois esta função é vista como uma continuação da maternidade e a proximidade de um homem lidando com crianças de pouca idade provoca dúvida e aflição.

4.2 - Medo da pedofilia

A figura feminina está associada aos cuidados maternos, atrelada a “incapacidade” de exercer algum abuso sexual com as crianças, deste modo tanto os pais quanto como a sociedade em geral associam o homem a um potencial abusador, e não a mulher. A pedofilia corresponde ao abuso sexual de crianças pelo adulto, e geralmente o abusador corresponde a alguém

próximo a criança ou de confiança da família, logo o medo do abuso acaba gerando repulsa à proximidade de homens com as crianças. Portanto os cuidados com a higiene das crianças são historicamente vinculados ao gênero feminino, pois tanto os pais quanto os educadores associam o banho e as trocas de fralda com a naturalidade do gênero e o receio da sexualidade.

Apesar da escola e dos pais declararem que não existe preconceito ou receio de um professor homem se sentir sexualmente atraído por crianças, há uma grande desconfiança com casos de pedofilia, onde pode haver toques e carícias nas crianças durante o banho ou trocas de fraldas, sobretudo com meninas. Sayão (2005) afirma que o contato corporal entre crianças pequenas e homens adultos é um problema para as famílias.

A coordenação da escola reitera que não seria apropriado que um homem executasse tarefas como dar banho e trocar fraldas, evidenciando o receio da pedofilia, e tratando de forma separada o princípio indissociável da Educação Infantil de educar e cuidar (Gonçalves et al., 2015). Esta generalização de que todo homem é um possível malfeitor, gera um preconceito com a atuação profissional deles, esquecendo que para atuar na Educação Infantil é necessária preparação acadêmica.

Cuidar do corpo e da higiene das crianças pequenas é parte essencial do processo educativo e humano, e tal função pode ser desempenhada por homens. Observa-se que mesmo entre as próprias profissionais de Educação Infantil há um preconceito com o professor homem, fazendo que com que seja permitido somente às mulheres o cuidado e atenção ao corpo, e para os homens o trabalho recreativo e administrativo (Gibim & Lessa 2011).

As questões de sexualidade nas escolas ainda estão habituadas a trabalhar com as diferenças de gênero e necessitam de práticas que quebrem tabus quanto a relação entre sexualidade e infância. Deste modo, o banho é um mecanismo de como o gênero é entendido, de modo que “as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico” (Louro, 2003). O banho pode ser visto a partir dessa perspectiva como um lugar onde as diferenças de gênero são produzidas, não sendo apenas um local onde diferentes gêneros se relacionam.

4.3 - Preconceito contra a orientação sexual do professor homem

A Educação Infantil deveria ser um espaço de acolhimento, porém há preconceito por parte dos pais que discriminam e não concordam com um educador gay ensinando os seus filhos, de modo que eles o tratam como uma “ameaça”, que irá influenciar a orientação sexual

da criança. Como consequência, a direção da escola, com receio de que os pais tirem seus filhos da instituição, evita a contratação de educadores gays, mesmo que eles possuam todos os méritos e habilidades requisitadas.

A identidade de um homem perante à sociedade passa por diversas etapas para o seu delineamento. Ao contrário das mulheres, os homens precisam comprovar a todo instante que realmente são homens, questão que se torna um problema, tendo em vista que o peso social se torna maior, porque qualquer comportamento que saia dos padrões heteronormativos permite o questionamento da masculinidade do homem (Brabo & Oriani, 2013).

A diretora confessou que, inicialmente, havia ficado admirada por um homem querer atuar como docente com crianças tão pequenas “[...] quando tem homem a gente estranha, a gente já pensa logo que é bicha [...]” (Brabo e Oriani, 2013).

Os professores homens são pessoas do sexo masculino, que trabalham quotidianamente com expectativas, conceitos e tarefas culturalmente associados à feminilidade. Logo é necessário que na escola sejam abordadas questões sobre a orientação sexual, como uma forma de valorizar a diversidade e o respeito, além potencializar a construção da autoestima positiva e o resgate das identidades dos docentes e alunos no ambiente escolar.

Trabalhar com crianças pequenas impõe um certo conhecimento sobre o cuidado corporal, o que é mais naturalizado e mais facilmente executado pelo sexo feminino. O estranhamento provocado pela presença do homem em sala de aula com crianças pequenas, por consequência, cria uma barreira que está para além do receio de abusos sexuais, é notório a desconfiança quanto à masculinidade desse professor. Quando o professor homem cuida de crianças pequenas na Educação Infantil, lidando quotidianamente com expectativas, conceitos e tarefas culturalmente associadas à feminilidade, geralmente ele é rotulado como homossexual.

4.4 - Alegação de falta de habilidade do professor homem

Outro ponto levantado pelas entrevistadas foi a falta de habilidade do professor homem em cuidar das crianças (alimentação, banho e troca de fraldas), além do preconceito sofrido por eles ao trabalharem em uma função amplamente associada ao gênero feminino. Brabo e Oriani (2013) afirmam que o professor homem tem que possuir convicções muito fortes para seguir

carreira na Educação Infantil, pois ele irá lidar diariamente com muitas pressões sociais e familiares, que identificam o exercício desta profissão com o gênero feminino, e não aceitam a atuação de homens na mesma.

Os homens entraram mais na parte de recreação, porque a parte chata as mulheres que ficaram como trocar a fralda, dar banho, esses cuidados. [...] E até eu ainda, eu não sei, existe um bloqueio em mim, que não consigo é, um homem, se tem uma criança de cocô, eu e o homem, eu acho que vão pedir pra eu limpar. Porque eu não sei, também pra mim, me dá um nervoso, parece que ele não vai limpar direito. (Nina, entrevista 1, item 10).

Muitas vezes tem essa coisa do homem não poder atuar mais na questão dos cuidados ou não entender a criança quando ela chora ou está doente. (Sofia, entrevista 2, item 10).

O começo foi bem complicado se adaptar a uma rotina escolar com crianças bem dependentes. Ele ficava bem sem graça nos momentos dos cuidados. Sempre pedia auxílio e olha, tinha vezes que eu não aguentava.... Mas para a escola foi uma grande mudança. (Sofia, entrevista 2, Item 2).

Ainda é muito forte nas sociedade o conceito de que as mulheres são “cuidadoras” e de que os homens não possuem tal habilidade, além deles não se interessarem em aprender. Por isso, tanto os pais quanto as profissionais da educação acreditam que os professores homens “não dariam conta do recado”, pelo fato de que eles historicamente não aprendem a cuidar de crianças. Além disso, esta concepção aponta que o cuidado e a maternagem são capacidades intrínsecas as mulheres, e que não podem ser “aprendidas”.

Porém, mesmo sem nunca terem realizado os cuidados básicos de uma criança, os homens podem aprender – e de fato aprendem – sobre os cuidados infantis, desde que hajam mulheres próximas a eles, pacientes e dispostas a ensinar.

4.5 - A aprovação do trabalho do professor homem e sua importância para o escola

A entrada de um professor homem numa área onde há uma composição majoritária de mulheres pode modificar a experiência que profissionais, crianças e familiares de Educação

Infantil vivenciam nas diferentes instituições porque o ritual e a cultura existente no interior da creche são modificados em diferentes aspectos. Apesar dos inúmeros preconceitos com o professor homem, as entrevistadas, a coordenação e os pais acham que é positiva a inserção do professor homem na Educação Infantil, que é visto como o recreador, que brinca e anima as crianças.

Essa questão do homem na escola, foi muito boa para os meninos também, porque era mais aquela coisa de mulher, mulher, eles não tinham alguém pra espelhar. [...]. Essa atitude de ter homem na rotina, essa atitude da escola foi muito boa. E para as meninas também, que ficam paquerando os meninos que a escola contrata (Nina, Entrevista 1, Item 2).

Por outro lado, toda as entrevistadas gostaram de trabalhar com um professor homem e acharam importante a presença masculina para as crianças, principalmente para meninos, que veem um educador para se espelhar.

A presença masculina quebra o protocolo que a Educação Infantil seja uma área apenas feminina. Porém, nós sabemos que isso ainda é um grande tabu a ser superado. Tanto por parte dos responsáveis quanto nossa (Sofia, entrevista 2, Item 3).

Acerca da docência masculina, há a percepção da representatividade traduzida em ações, comportamentos, expressões e configurações do corpo que causam influência, principalmente sobre os meninos, os quais assimilam as características e costumes deste gênero. Logo, é como se o comportamento dos meninos já estivessem pré-determinados, “eles são assim competitivos, dinâmicos, gostam de aparecer e chamar a atenção dos colegas, devido ao instinto de homem que apresentam”, por isso gostam da presença de um professor homem na escola. (Reis, 2011).

Além do mais, os professores homens presentes ensinam, sobretudo, sobre a heterossexualidade, pois tratam os alunos de forma menos afetiva. Isto é importante para alguns pais, pois afasta o “fantasma da homossexualidade” que influencia os alunos que são educados somente por professoras mulheres, pois ainda existe a ideia de que mulheres é que “levam” a homossexualidade por educarem erradamente.

5 – Considerações Finais

A presente monografia trouxe reflexões sobre as relações de gênero e cuidado, com objetivo de compreender o papel do professor homem na Educação Infantil. Para tal fim, foram entrevistadas três professoras em uma instituição de Educação Infantil da Rede Privada do Rio de Janeiro, buscando entender o processo de interação estabelecido entre os professores homens, os alunos e a comunidade escolar.

A partir das entrevistas destas três professoras mulheres foram identificados diferentes pontos de vista entre as elas, porém 5 temas recorrentes foram destaque e, portanto, discutidos com maior profundidade, sendo eles: o preconceito com o professor homem; medo da pedofilia; preconceito contra a orientação sexual do professor homem; alegação de falta de habilidade do professor homem; a aprovação do trabalho do professor homem e sua importância para a escola.

Deste modo, este trabalho indica que tanto os pais quanto os profissionais da educação acreditam que a atuação do professor homem na Educação Infantil pode contribuir muito para o desenvolvimento dos alunos e para equidade de gênero na escola. A presença masculina é muito importante para as crianças, principalmente para meninos, que veem um educador para se espelhar. As instituições de ensino aceitariam mais professores homens, contudo haveria algumas restrições, principalmente ao toque físico.

As questões de gênero atribuem papéis pré-determinados, ligando a docência da Educação Infantil unicamente ao gênero feminino, consolidando as desigualdades. É desejável a presença do homem na Educação Infantil, sendo ela fundamental para quebrar as barreiras ainda existentes e para aumentar a representatividade dos gêneros para as crianças pequenas, que enriquecem as relações com a sociedade e sujeitos. Por fim, reconhece-se que é um grande desafio a inserção do homem na Educação sem discriminação.

A Educação Infantil é um importante meio para apresentação e discussão das inúmeras diferenças sociais e diversidades de gênero, pois a infância é um período primordial para a socialização dos indivíduos, sendo importante para as crianças conviverem num ambiente onde deva imperar a tolerância e o respeito às diferenças. Entende-se que o professor deve abordar os temas de gênero e sexualidade, com a ampliação de conteúdo e tarefas acerca destas temáticas no cotidiano dos alunos, estimulando a pesquisa e diversidade, e conseqüentemente sensibilizando os futuros professores e alunos da Educação Infantil.

Deste modo, é importante refletir sobre questões mais amplas, como a necessidade de formação e políticas mais duradouras sobre gênero na Educação Infantil. Porém, é necessário

pensar sobre o real papel da escola na formação da respeitabilidade dos indivíduos, e o quanto a inclusão de diversidades nas etapas iniciais da educação pode influenciar as atitudes sociais que os alunos terão quando adultos. A Educação Infantil é uma importante fase onde as crianças estão se desenvolvendo e aprendendo a se relacionar com outros indivíduos, logo o educador adquire um papel fundamental na vida dos alunos, pois é ele que irá iniciar e influenciar a trajetória desses indivíduos na vida escolar.

Portanto é necessário ensinar um modelo em que a sociedade é diversa e inclusiva, ao invés de um modelo de sociedade binária que exclui ao invés de integrar. Ensinando os alunos a reconhecer as diferenças e semelhanças que cada indivíduo pode ou queira apresentar, de modo a não permear a cultura de preconceitos e práticas de segregação.

6 – Referências Bibliográficas

- BARKER, Gary. Trabalho não é tudo mais é quase tudo: homens, desemprego e justiça social em Políticas Públicas. In: MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge; AZEVEDO, Mariana; BRASILINO, Jullyane. (orgs.) Homens e Masculinidades: Práticas de Intimidade e Políticas Públicas. Recife: PAPAÍ, 2010.
- BEAUVOIR, S. de. 1975. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 3ª ed., São Paulo, Difel.
- BENCZIK, E. B. P. (2011). A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Psicopedagogia*, 28(85), 67–75.
- BRABO, T.S.A.M. & Oriani, V.P. (2013). Relações de gênero na escola: feminilidade e masculinidade na Educação Infantil. *Educação Unisinos*, 17(2), 145–154.
- BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.
- BRASIL. Resolução Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno No1, de 15 de Maio de 2006. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, 2006.
- CARDOSO, FREDERICO. A identidade de professores homens na docência com crianças: homens fora do lugar? 2004.
- GIBIM, R., & LESSA, P. *Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas ISSN2177-8248 Universidade Estadual de Londrina, 18 e 19 de agosto de 2011. GT2- Gênero e Movimentos Sociais*, 2011.
- GODOY, Arilda. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. São Paulo, v.35, n.3, p. 20-29, 1995.

- GONÇALVES, J.P., FARIA, A.H., BEZERRA, F.C., OLIVEIRA, L.A., & Reis, M.G.F.A. (2015). O Trabalho De Homens Professores Com Crianças De Educação Infantil: As Representações Sociais Dos Gestores Escolares. *Itinerarius Reflectionis*, 11(1), 1–19.
- GRESSLER, L.A. Critérios para avaliação de projetos e relatórios científicos. Introdução à pesquisa: projetos e relatórios. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- HARNIK, Simone. Brasil: 8 em 10 professores da educação básica são mulheres. UOL Educação. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2011/03/03/brasil-8-em-10-professores-da-educacao-basica-sao-mulheres.htm>. Acesso em: 20 Julho. 2021.
- IVENICKI, A.; CANEN, A. Metodologia da pesquisa: rompendo fronteiras curriculares. São Paulo: Ciência Moderna, 2016.
- LOURO, G.L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação & Realidade*, v.20, n.2, p.102-133, 1995.
- LOURO, G. L. 1997. Mulheres na sala de aula. In: M. Del PRIORE (org.), *História das mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, p. 443-481.
- LOURO, G.L. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade: In: LOURO, Guacira Lopes. (orgs). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica. 2007, p.1-153.
- LOURO, G.L. Gênero, sexualidade e educação – Uma perspectiva pós estruturalista. 16ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- ORIANI, Angélica Pall. Olinda Magarotto dos Santos (1934-): uma jornada educacional pelo sertão paulista. In: VIDAL, Diana Gonçalves; VICENTINI, Paula Perin (org.). *Mulheres inovadoras no Ensino (São Paulo, séculos XIX e XX)*. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2019. 290 p.

RAMOS, JOAQUIM. O ingresso e a permanência de professores homens na Educação Infantil: a desconstrução de lugares fixos, 2011.

REIS, Cristina d'Ávila. Currículo escolar e gênero: a constituição generificada de corpos e posições de sujeito meninos-alunos. Belo Horizonte, 2011.

SAYÃO, D.T. Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: um estudo de professores em creche. Tese de doutorado. Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. 262p. 2005.

TOSATTO, C., & PORTILHO, E. M. L. (2014). A Criança e a infância sob o olhar da professora de Educação Infantil. *Educação Em Revista*, 30(3), 153–172.

APÊNDICE A - ENTREVISTA 1

Nome Fictício: Nina

Formação: Ah, eu não tenho formação. Não tenho isso que vocês tem. É o que? Ensino Superior? Eu não sou formada. Estudei pouco. Fico constrangida. Falta o Ensino Médio.

Ano de formação: -

Cargo: Berçarista

Idade: 31

Tempo na escola: Oito anos e meio.

- 1. Há quanto tempo trabalha na Educação Infantil? E como foi seu ingresso na escola?** - Trabalho com Educação há oito anos. E como eu entrei, hum, eu conheci a dona da escola e e, ela, eu entrei por meio da dona da escola. A dona da escola me conhecia e me contratou para trabalhar na escola.
- 2. Nesse tempo apareceu algum professor homem? Como foi? (Caso não, conhece casos?)** - Sim, não sei sabe, pensando né, os professores extras sabe? Professor de capoeira e professor de música também. Acho que recentemente que colocaram professor normal para ficar com as crianças mesmo, sem ser rápido. Entende? Essa questão do homem na escola, foi muito boa para os meninos também, quero falar, mas não consigo me expressar. Isso foi muito bom para os meninos porque era mais aquela coisa de mulher, mulher, eles não tinham alguém pra espelhar, não é essa palavra, mas é quase isso, eu acho que os meninos estavam precisando disso, não tinha homem. Eles agora tem essa presença, é mais forte, na rotina. Isso é muito bom. Ai caraca. Um dia eu vou aprender a falar bonito, eu vou. Essa atitude de ter homem na rotina, essa atitude da escola foi muito boa. E para as meninas também, que ficam paquerando os meninos que a escola contrata.
- 3. O que você pensa sobre a presença de um professor homem na Educação Infantil?**
- Eu acho ótimo, eu acho ótimo que tem uma presença masculina, é, Dany eu não sei falar essas coisas. Pelo amor de Deus. Não sei falar. Mas é isso né? Confesso que no início que entraram os educadores homens eu fiquei meio assim, eu fiquei eu não sei. Eu fiquei meio assim achando que não, sei lá, não sei se é também, você acaba ficando engessada só numa coisa, sabe? Aí depois que eu vi eles com as crianças, aí a minha cabeça mudou totalmente. Então eu acho que isso foi uma ideia maravilhosa da escola colocar homem, foi ótimo para as crianças, tanto pros meninos, tanto pras meninas né, porque só tinha mulher e os meninos? Então isso foi tudo de bom, foi ótimo.
- 4. A questão do gênero é importante para ser professora na E.I.?** - Eu acho super importante, mas eu não sei explicar porque é importante. (risos). Desculpa Dany (risos), não sou boa com as palavras. Nós temos professores homens, mas são extras, professor mesmo não temos, só estagiário homem, só temos professoras mulheres e se tiver

homem que é que eu acho que vai ter, vai ser para a turma dos grandes. Então acho importante, mas não sei falar. Acho importante trabalhar o gênero desde cedo, ensinar, essas coisas.

5. **Como você vê a relação das crianças com o professor homem? Você acha importante essa relação nessa modalidade de ensino?** – Eu acho ótimo, foi bem positivo. As meninas também tiveram uma, uma, assim, todo mundo teve, fez uma, como que eu falo? Não sei explicar essas coisas. É que teve uma relação muito boa, tanto com os meninos e meninas e acho sim importante essa modalidade na Educação Infantil. Acho que foi bem positiva, até porque o homem é visto como o recreador, o que brinca essas coisas, então, as crianças gostaram.
6. **Você já presenciou alguma rejeição em relação a figura masculina na escola por parte dos pais ou equipe? Como agiu/interferiu?** - Por parte dos pais não, eles aceitaram bem, não sei em relação aos pequenos. Porque não trabalhei com nenhum homem em turma de berçário. Eu não presenciei nada em relação aos pais. E essa rejeição vi sim, no início, por parte de algumas pessoas da equipe, quando chegaram os primeiros homens, escutei coisas como “ah, não vai fazer nada. Homem não sabe trocar, dar banho.”, teve um pouco disso, isso foi nos bastidores e partiu de poucas pessoas, esse preconceito, eu também tive um pouquinho, confesso, fiquei meio assim né. Eu não sei, acho que estamos muito naquela coisa, é, porque vemos muita coisa de pedofilia, eu tenho muito esse receio, eu sei que são pessoas maravilhosas, mas eu tenho essa coisa em mim, eu não consigo, eu juro Dany, eu mesmo não consigo. É uma menina, mas se for um menino eu não importo de deixar trocar fralda, bebê menina eu acho que não deixaria. Eu não sei se estou sendo um pouco, é, preconceituosa, será que é essa a palavra? Eu não sei, sei lá.
7. **Você presencia o professor homem em quais turmas? Há algum tipo de distanciamento?** - Hum, assim, ah, professor? Ah, acho que os homens ficam nas turmas dos maiores né? Eu acho que, é... Distanciamento, eu acho que os pequenos têm um cuidado maior, um cuidado que eu não sei explicar, eu não sei, não sei dizer, talvez os cuidados que tem que ter com os pequenos, ah, não sei. Me ajuda, socorro.
8. **Há alguma orientação ou alguma estratégia onde a direção da escola tenha indicado em relação aos cuidados?** - Eu não sei, eu acho que foi essa coisa de colocar os homens para os mais velhos, deve ser isso. E os pequenos deixar tipo, as mulheres, o feminino. Os pequenos exigem muito essa questão dos cuidados. A troca da fralda, banho, aquela coisa mais, não sei.. Essa foi a estratégia da direção: deixar os homens com os maiores, que são mais independentes, que não vai ter mais essa coisa da troca, do banho, isso. Sei lá, acho que essa foi a estratégia que a escola teve, eu não vejo um homem no berçário, eu não vi.
9. **Como é a relação dos pais/equipe com a presença masculina na escola?** - Eu não vi, mas pelo que senti, eles aceitaram super bem, eu acho. Eu vejo alguns pais assim, gostando muito e se deram muito bem com os educadores homens. Então eles gostaram, aceitaram bem porque também é diferente né. A equipe gosta né? As meninas estão... Só ficam paquerando, na azaração.

10. **Há distinção de função nessa escola por gênero?** - Sim, nossa, com certeza, os homens entraram mais na parte de recreação, porque a parte chata das mulheres que ficaram como trocar a fralda, dar banho, esses cuidados. Mas agora também não sei por que isso, será que foi a escola que decidiu? Mas que eu vejo essa separação eu vejo. Nas brincadeiras os homens ficam, o cuidado das crianças ficou por conta das mulheres. Eu nunca vi um homem trocando uma fralda, sério, de uma criança pequena. Eu vejo sim eles levando para banheiro, os maiores, alguns ajudavam no almoço, mas a questão de limpar criança não via. As vezes o Marcelo até me pedia pra limpar criança da turma dele. Então eu acho que tem muito isso ainda. E até eu ainda, eu não sei, existe um bloqueio em mim, que não consigo é, um homem, se tem uma criança de cocô, eu e o homem, eu acho que vão pedir pra eu limpar. Porque eu não sei, também pra mim, me dá um nervoso, parece que ele não vai limpar direito. E penso eu como criança, uma menina indo ao banheiro e um homem comigo, a gente já tem vergonha com mulher... Imagina com homem? Eu não sei... Fico pensando, será que, talvez isso não passe pela cabeça das meninas, sei lá, eu penso se fosse eu, eu ficaria com vergonha.

APÊNDICE B - ENTREVISTA 2

Nome Fictício: Sofia

Formação: Pedagoga com Pós Graduação em Psicomotricidade

Ano de formação: 2011

Cargo: Professora

Idade: 33

Tempo na escola: 5 anos

- 1. Há quanto tempo trabalha na Educação Infantil? E como foi seu ingresso na escola?** - Olha, eu me formei no Normal e já fui procurando emprego. Trabalhei em algumas escolas de Educação Infantil e não saí mais dessa área. Ou seja, pensando aqui, bom, desde a minha formação no normal, então foi no ano de 2009. E uma vez trabalhando com uma amiga, ela me falou do Espaço e através da indicação dela, fui parar lá. Trabalhamos juntas em outra escola e quando ela foi para o Espaço me indicou.
- 2. Nesse tempo apareceu algum professor homem? Como foi? (Caso não, conhece casos?)** - Bom, no Espaço somente professores de aulas extras. É até estranho pensar nisso né? Sabia Dany, nunca parei para pensar no porquê e essas coisas, nossa, uma boa reflexão para nós. Inclusive poderíamos ter alguma formação sobre esse assunto do homem na Educação Infantil (risos). Mas voltando, no ano passado (2016) iniciou um estagiário. Um não, dois né? Como todo começo foi bem complicado se adaptar a uma rotina escolar com crianças bem dependentes. Ele ficava bem sem graça nos momentos dos cuidados. Sempre pedia auxílio e olha, tinha vezes que eu não aguentava... Mas para a escola foi uma grande mudança.
- 3. O que você pensa sobre a presença de um professor homem na Educação Infantil?** – Dany, esse nosso bate papo está ótimo, eu acredito que as crianças precisam ter toda a experiência possível nesse período. A presença masculina quebra o protocolo que a Educação Infantil seja uma área apenas feminina. Porém, nós sabemos que isso ainda é um grande tabu a ser superado. Tanto por parte dos responsáveis quanto nossa... Como vimos no ano passado.
- 4. A questão do gênero é importante para ser professora na E.I.?** - Acredito que não. Conversamos sobre isso semana retrasada, por aí né? Precisamos nos desprender de determinados preconceitos estabelecidos há anos atrás e possibilitar que nossos alunos vivenciem experiências ricas na troca e no afeto. Falei super séria agora. (risos). Mas pensando, homem também dá carinho, pega no colo, brinca de casinha, vira o papai (risos), e faz comidinha. Há tanta coisa importante que vai ser construída nessa relação com a presença masculina. Então se pensarmos, nós educadores infelizmente somos mais vistas para atuar na Educação Infantil do que os homens.
- 5. Como você vê a relação das crianças com o professor homem? Você acha importante essa relação nessa modalidade de ensino?** – Durante as aulas percebi que

a presença masculina chamava bastante atenção dos pequenos até mais que a nossa. Acho sim muito importante, essa troca é fundamental. As crianças sempre adoram quando o professor homem chega na sala ou aparece em outro ambiente. E como já falei e conversamos, é fundamental essa relação do professor homem com as crianças menores.

6. **Você já presenciou alguma rejeição em relação a figura masculina na escola por parte dos pais ou equipe? Como agiu/interferiu?** - Dany eu não presenciei nenhuma rejeição por parte dos pais. Alguns fizeram uma carinha torta por ser uma experiência diferente, mas não falaram nada, outros gostaram e curtiram a novidade. Já a equipe foi um pouco mais complicada, por ser homem, além de aguçar as meninas solteiras (risos), também levantou questões bem peculiares, por exemplo, nas trocas, no banho e etc... Preferi ficar observando e quando me pediam auxílio, explicava como fazia. É difícil, foi uma mudança, novidade para a escola, então sabemos né, querendo ou não, tem sempre um pra encrencar.
7. **Você presencia o professor homem em quais turmas? Há algum tipo de distanciamento?** – Tive a oportunidade de no final do ano passado (2016) trabalhar diretamente com o estagiário que esteve na escola. Não sei nem se é essa a questão (risos), mas acho válido conversar sobre isso. As crianças o adoram, também pude ver como ele amadureceu e superou minhas expectativas. Com seu carinho conquistou a todos, pais, crianças e funcionários. Muito criativo, ele incrementou bastante nossas manhãs com muitas novidades. Só que quando pensamos nas crianças, lembrei agora que eles ficavam nas turmas dos mais velhos, como pode ser né? Estranho pensar nisso, porque por ele ser a novidade da escola, todas as crianças adoravam a presença do homem, mas infelizmente ele estava com os maiores, não que impedisse dele ficar com os menores, mas é diferente.
8. **Há alguma orientação ou alguma estratégia onde a direção da escola tenha indicado em relação aos cuidados?** – Que eu soubesse não, mas acredito que como foi o primeiro ano as diretoras acharam melhor colocar ele para trabalhar com os mais velhos. Pensaremos assim né...
9. **Como é a relação dos pais/equipe com a presença masculina na escola?** – Os pais sempre foram muito receptivos com eles, aos poucos eles conquistaram seu espaço dentro do Espaço, nossa, ficou estranho falar isso (risos), agora é muito difícil não os ter por perto. Era diferente, não sei explicar...
10. **Há distinção de função nessa escola por gênero?** - Acho que nós que fazemos essa distinção, é muito da nossa cabeça. Pelo menos eu e o que eu vejo também. A partir do momento que acreditarmos que todos nós somos responsáveis pelo bem-estar das crianças, independentemente do gênero e função, somos capazes de aprender e teremos avançado muito. Porém, como sabemos que é uma escola, tem fofoca e tudo mais, acabava que muitas vezes tem essa coisa do homem não poder atuar mais na questão dos cuidados ou não entender a criança quando ela chora ou está doente. Olha, não sei explicar isso muito bem, mas como conversamos, pensando também nas turmas e essa divisão, já vemos o educador com o pré I e tal. Então não sei se isso seria uma distinção, não sei. É o que eu penso e acho né... Complicado.

APÊNDICE C - ENTREVISTA 3

Nome Fictício: Laura

Formação: Psicóloga

Ano de formação: 2014

Cargo: Professora

Idade: 26

Tempo na escola: 6 anos

- 1. Há quanto tempo trabalha na Educação Infantil? E como foi seu ingresso na escola?** - Olha, Dany, eu trabalho com educação desde o primeiro período da faculdade, ou seja, há mais ou menos 8 anos. Desde o início comecei a estagiar e assim estar na área. Aí então, hum, ah, uma amiga me indicou para trabalhar no Espaço Envolvimento e pronto.
- 2. Nesse tempo apareceu algum professor homem? Como foi? (Caso não, conhece casos?)** - Não, de todos esses anos, só no ano passado, que aí foi a primeira vez que tive contato com homem na Educação Infantil e fiquei suuuuper surpresa! Foi uma ótima experiência!
- 3. O que você pensa sobre a presença de um professor homem na Educação Infantil?** – Bom, eu acho muito importante. Quando nos propomos a educar, acho fundamental, entre muitas outras coisas, isso claro né Dany, inclui manter relações saudáveis com todos os profissionais, independente do sexo. Tem que ser assim.
- 4. A questão do gênero é importante para ser professora na E.I.?** - Ixi, problemática. Risos. Então, como o preconceito ainda é bem grande, sim, a questão do gênero ainda influencia na contratação dos professores da Educação Infantil. Acho triste, pois é ótimo trabalhar com professores homens, porém vivemos nessa sociedade esquisita né?
- 5. Como você vê a relação das crianças com o professor homem? Você acha importante essa relação nessa modalidade de ensino?** – EU não faço nenhum tipo de diferenciação entre professores do sexo feminino e do sexo masculino. Acredito, verdadeiramente, que o preconceito está dentro de cada um. Como podemos observar ao redor e tal. Ao meu entender, o importante é a qualidade do trabalho realizado pelo educador, seja homem ou mulher, a eficácia, a relação do educador com a criança.
- 6. Você já presenciou alguma rejeição em relação a figura masculina na escola por parte dos pais ou equipe? Como agiu/interferiu?** - Ah, essa eu lembro... Assim que recebemos um estagiário homem, alguns pais questionaram sobre levar ao banheiro, entre outras situações. E Dany, super entendo a preocupação deles. Mas me mantive firme e certa do que estava acontecendo, já que uma vez que acredito no profissionalismo e no caráter dos funcionários contratados pela direção, então não há porque existir desconfiança.

7. **Você presencia o professor homem em quais turmas? Há algum tipo de distanciamento?** - Presenciei nas turmas das crianças maiores, as que na maioria não usam mais fraldas. Observando, pelo menos para mim não houve nenhum tipo de distanciamento.
8. **Há alguma orientação ou alguma estratégia onde a direção da escola tenha indicado em relação aos cuidados?** – Dany, pelo menos o que presenciei, foram as mesmas orientações que são feitas para qualquer educador novo na equipe. Não sei se houve alguma orientação só para eles, mas creio que não.
9. **Como é a relação dos pais/equipe com a presença masculina na escola?** – Olha, alguns precisaram se adaptar a ideia e ainda estão se adaptando, mas pensando no geral, a aceitação foi ótima! E em relação a equipe, é aquilo... Alguns gostam, outros não. Prefiro não comentar. Risos.
10. **Há distinção de função nessa escola por gênero?** - Não me comprometerei, risos. Mas não. Pra mim não.